

Editorial

Estamos comemorando o centenário da publicação da Tese de Doutorado de Edith Stein, que porta o título "O problema da Empatia" (*Zum Problem der Einfühlung*), avaliada pelo orientador Edmund Husserl com a nota máxima "*summa cum laude*". Esta obra, na qual a assistente de Husserl esclarece termos fenomenológicos como eu puro, fluxo da consciência, corpo, alma, indivíduo, sujeito e espírito, marca apenas o início de um trabalho filosófico bastante produtivo e autônomo.

Stein, que nasceu no dia 12 de outubro de 1891 numa família judia em Breslau, cidade que hoje pertence à Polônia, mas que na época fazia parte da Prússia, teve uma trajetória de vida fora do comum: de menina precoce, agnóstica e ateia, sedenta de conhecimento e de sentido, vem a ser uma das figuras chave do movimento fenomenológico e, a partir do seu encontro com o Deus vivo Jesus Cristo, torna-se possuidora de uma grandeza humana e cristã que a tornará mártir e, mais tarde, padroeira da Europa.

No entanto, apesar desta trajetória emblemática de uma mulher que viveu os dramas da primeira parte do século XX em primeira pessoa, e que se destaca pelo rigor e pela abrangência das suas pesquisas, as contribuições originais de Edith Stein para a fenomenologia e para a filosofia em geral não são ainda reconhecidas suficientemente no Brasil e no mundo. De fato, no século XX não existem muitas outras figuras filosóficas que podem ser comparadas à obra de Stein, pela riqueza das abordagens, pela sistematicidade e pela variedade das tradições consideradas.

Não me parece exagerado afirmar que a maior paixão intelectual de Edith Stein sempre foi a pessoa humana, que ela consegue descrever de forma surpreendentemente rica na sua complexidade, profundidade e abertura. No campo da antropologia, ela valoriza a individualidade, o caráter singular da pessoa como um ser único e irrepetível, no sentido concreto e histórico. Desta forma, a antropologia apresentada pela Stein é consistente e oferece um amplo arcabouço teórico que proporciona referências para um grande leque de ciências humanas, da psicologia à pedagogia, do direito à política.

Stein começou a sua atividade filosófica movida por um desejo enorme de verdade e de objetividade e suscita nos seus leitores surpresa e admiração pela consistência, rigor, profundidade e atualidade das suas análises. Ela representa uma geração que considerava o método fenomenológico de Husserl, a partir da leitura das *Investigações Lógicas*, um novo ponto de partida para a filosofia. A sua figura fascina porque abraça a fenomenologia não apenas como método e *forma mentis*, mas como prática radical de um pensar concreto e existencialmente comprometido, pois para ela, a alma da fenomenologia é a busca da verdade, sem pré-conceitos e sem limites, aberta a surpresas quando esta verdade se deixa encontrar, e sem medo de chama-la de Deus quando se revela desta forma, como alteridade radical capaz de preencher todos os vazios existenciais.

Os escritos de Edith Stein são de extrema atualidade, sua vocação filosófica é, ao mesmo tempo, pós-moderna e construtiva, pois supera uma forma de pensar abstrata e cética, reducionista e unilateral, estabelecendo uma relação personalista com o ser, tentando conciliar a tradição metafísica com uma fenomenologia do humano. Por isso, é com grande satisfação que apresentamos à comunidade acadêmica este dossiê dedicado a tão grande mulher e filósofa. Os artigos contribuem para iluminar aspectos diferentes da figura e do pensamento de Edith Stein, mas de alguma forma todos refletem a prioridade antropológica.

Juvenal Savian Filho nos aproxima da figura fascinante de Edith Stein na sua trajetória humana e intelectual e na sua forma específica de fazer filosofia fenomenológica, mostrando pontos de sintonia e diferenças entre Stein, Husserl e Heidegger.

Maria Inês Castanha de Queiroz oferece uma contribuição para vislumbrar a noção de força em Edith Stein, conceito que possui uma valência para o indivíduo na sua unidade corpóreo-psíquico-espiritual, mas alcança também a dimensão da interação pessoa-comunidade nas vivências do *mundo-da-vida*. Em seguida, o artigo de Clio Francesca Tricarico aprofunda a possibilidade de conhecer o eu na obra Introdução à Filosofia, a partir do conceito de eu puro em Husserl. Também Eduardo Dalabene aborda aspectos da relação entre Husserl e Stein, mostrando as semelhanças entre as descrições da experiência antepredicativa de Husserl com aquelas feitas pela Stein sobre a consciência originária, ambas de fundamental importância para a formação da consciência.

Os autores Joel Gracioso e Maria Cecília Isatto Parise contribuem para a compreensão da empatia, constitutiva para o sujeito, tanto para Husserl como para Edith Stein, enquanto apreensão das vivências alheias; já Manuel Curado e Moisés Rocha Farias dedicam o seu trabalho à consideração da verdade revelada na concepção da educação em Edith Stein, mostrando que entre as possibilidades essenciais do ser humano está a possibilidade de ser destinatário da revelação divina.

Esperamos que estes trabalhos, que oferecem pistas de leitura steiniana, possam contribuir para refletir sobre a pessoa humana, ajudar a enfrentar os desafios antropológicos e pedagógicos atuais e, quem sabe, despertar a vontade de conhecer mais esta amiga do ser humano.

Além do dossiê Edith Stein, compõem este número a seção VARIA de artigos recebidos e aprovados para publicação no regime de fluxo contínuo da revista e que traz importantes colaborações com riquezas de assuntos e originalidade das reflexões que tornam essa edição um conjunto especial de cultura filosófica capaz de potencializar a cultura filosófica entre nós.

A todos boa leitura!

Ursula Anne Matthias
Editora Convidada